

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO NAS CARTAS DO PADRE MANUEL  
DA NÓBREGA (1517-1570)**

**ALINE APARECIDA DE OLIVEIRA GALANI**

**MARINGÁ  
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO NAS CARTAS DO PADRE MANUEL  
DA NÓBREGA (1517-1570)**

**ALINE APARECIDA DE OLIVEIRA GALANI**

**MARINGÁ  
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO NAS CARTAS DO PADRE MANUEL DA  
NÓBREGA (1517-1570)**

Monografia apresentada por ALINE APARECIDA DE OLIVEIRA GALANI, ao Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Pesquisa Educacional.

Orientador: CÉZAR DE ALENCAR ARNAUT DE TOLEDO

MARINGÁ  
2013

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Central – UEM, Maringá – PR., Brasil)**

G146p	<p>Galani, Aline Aparecida de Oliveira</p> <p>A presença da educação nas cartas de Padre Manuel da Nóbrega (1517-1570) / Aline Aparecida de Oliveira Galani. - Maringá, 2013. 36 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo. Monografia (especialização) - Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, 2013.</p> <p>1. Educação - Século XVI. 2. Educação - Brasil - História. 3. Nóbrega, Manuel da, 1517-1570 - Obra. I. Toledo, César de Alencar Arnaut de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Fundamentos da Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;"><b>CDD 22.ed. 370.981</b></p>
-------	--

ALINE APARECIDA DE OLIVEIRA GALANI

**A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO NAS CARTAS DO PADRE MANUEL DA  
NÓBREGA (1517-1570)**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo (Orientador) –  
UEM

Prof. Rodrigo Pinto de Andrade - UEM

Prof. Alessandro Santos da Rocha - UEM

3 de Outubro de 2013

Dedico este trabalho à minha família pelo apoio e compreensão em todas as horas.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar ao Pai Celeste, pois se não fosse por esse Amor Incondicional eu não estaria aqui. Obrigada Deus pela provisão, proteção, por não desistir de mim!

À minha família por acreditarem que posso conquistar meus sonhos e objetivos. Por apoiarem minhas decisões independente de qualquer circunstância e por serem colunas na minha vida, não me deixando cair.

Ao professor César de Alencar Arnaut de Toledo que me acompanhou durante toda a realização desse trabalho. Obrigada por perdoar as falhas, atrasos e pela paciência, compreensão, dedicação e sabedoria com que orientou a construção deste.

**Difícil é o caminhar**  
**Nunca pensei que eu fosse alcançar**  
**Mas Teu amor não falha**  
Nívea Soares  
(trecho da música Teu amor não falha)

GALANI, Aline Aparecida de Oliveira. **A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO NAS CARTAS DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA (1517-1570)**. 36 p. Monografia (Especialização em Pesquisa Educacional – Turma IV) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: César de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2013.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a atuação do padre jesuíta Manuel da Nóbrega (1517-1570), membro da Companhia de Jesus, em episódios que envolveram sua ação pedagógica no Brasil colonial no século XVI. Partindo de uma análise do processo histórico de “descoberta” do Brasil, seguida da presença dos padres jesuítas na Colônia, buscou-se analisar a presença da educação nas cartas do Padre Manuel da Nóbrega. Ele veio ao Brasil, juntamente com seus companheiros, com a missão de catequizar os colonos e indígenas para viverem na sociedade nascente. A partir das análises realizadas, entende-se que os recursos usados pelos jesuítas tinham como princípio a salvação da alma, desconsiderando a cultura do povo indígena, por isso, não mediram esforços ao utilizarem recursos que incutissem nos indígenas a moral cristã. Para realização deste trabalho, foram analisadas catorze cartas escritas pelo Padre Manuel da Nóbrega, disponíveis na edição de Serafim Leite, chamada *Monumenta Brasiliae*.

**Palavras-chave:** Educação; História da Educação Brasileira; Século XVI; Manuel da Nóbrega.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O “DESCOBRIMENTO” DO BRASIL NO SÉCULO XVI .....	12
3. A PRESENÇA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLONIAL .....	18
4. AS CARTAS DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA .....	23
5. CONCLUSÃO .....	32
REFERÊNCIAS .....	34

## INTRODUÇÃO

O período de transição da Idade Média para a Moderna foi marcado por vários acontecimentos que mudaram a história. O mundo passou a ser visto com um novo olhar, não mais aquele revestido pela religiosidade, no qual tudo era pecado e toda ordem deveria ser obedecida, mas pelas novas ideias desenvolvidas pelas ciências, pelo Humanismo, pela Reforma, pelo desenvolvimento do comércio, pelas grandes navegações e pela agitação do Renascimento. Diante desses vários acontecimentos, destacaremos a expansão marítima, que aclarou muitos mitos e certezas que os portugueses alimentavam, pois devido às viagens marítimas e investimento em embarcações é que foi possível descobrir novas terras, encontrar tesouros e fortalecer o comércio. Nesse contexto, os portugueses chegaram às terras brasileiras, porém, ao chegarem, verificaram que a terra não estava abandonada, de maneira que havia nela povos cuja cultura era totalmente distinta da cultura dos europeus.

As novas terras foram exploradas e durante um longo período não havia intenção de povoá-las, entretanto, essa medida foi necessária quando a Coroa portuguesa estava prestes a perder suas terras para outras potências. Assim, durante o período de colonização do Brasil, a Companhia de Jesus - uma ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola em 1540 - teve grande importância na sociedade nascente, pois os sacerdotes da Companhia foram enviados com a missão de converter indígenas, levando o cristianismo aonde conseguissem e passando por situações que nem sempre eram fáceis de entender. Diante de uma nova sociedade seria necessário um novo homem para viver nela, por isso, os jesuítas passaram a estabelecer um sistema educacional quando utilizaram a educação como estratégia para levar a religião aos que não a conheciam ou não a praticavam.

Cheios de devoção, de ânimo e atitude, os padres jesuítas chegaram ao Brasil com a missão de catequizar tanto os colonos, quanto os nativos da terra. Ao observarem o modo de vida dos indígenas, os padres não aceitaram seus hábitos e buscaram uma maneira de fazê-los mudar o comportamento, utilizando

oportunidades para inculcar neles a moral cristã. Desse modo, usaram os recursos do cotidiano dos nativos como a dança e a música, por exemplo, e por fim, utilizaram a violência, demonstrando não se preocupar com o caminho percorrido para alcançar o fim desejado. Todavia, não se pode negar que os padres, eram funcionários de uma ordem estabelecida, ou seja, homens de sua sociedade, cumprindo uma tarefa estabelecida própria daquela sociedade.

Diante das considerações, esta monografia tem o objetivo de analisar a atuação do padre jesuíta Manuel da Nóbrega, membro da Companhia de Jesus, em episódios que envolvem sua ação pedagógica no período colonial no século XVI. O estudo se pautou nas cartas que o Padre escreveu quando esteve no Brasil, juntamente com seus companheiros, com a missão de catequizar os colonos e indígenas para viverem naquela nova sociedade, sendo estas delimitadas a partir de sua chegada em 1549 e algumas cartas entre os anos de 1553 a 1558. Assim, para fundamentar esta pesquisa foram utilizadas as Cartas escritas pelo Padre Manuel da Nóbrega como fontes primárias, juntamente com fontes secundárias e que serviram de base para a compreensão do contexto histórico dos fatos.

O trabalho está dividido em três sessões: num primeiro momento foram realizadas algumas considerações históricas sobre o “descobrimento” do Brasil no século XVI, que se deu graças à expansão marítima que abriu caminho para grandes descobertas. Num segundo momento, foi abordada a presença da Companhia de Jesus no Brasil colonial, a partir de sua missão de expandir a fé através da catequese. E, por fim, foi examinada a presença da educação nas cartas do Padre Manuel da Nóbrega.

## **1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O “DESCOBRIMENTO<sup>1</sup>” DO BRASIL NO SÉCULO XVI**

A expansão marítima abriu o caminho para as grandes descobertas, oportunizando o patrocínio de viagens ao alto mar, com embarcações cada vez mais resistentes. Com o objetivo de monopolizar o comércio e descobrir novas rotas, conquistando territórios e visando seu enriquecimento, os portugueses investiram nas viagens, que eram caras e não poderiam ser feitas sem recursos do rei, pois ele conseguia arrecadar recursos públicos de toda a nação para empreender essas viagens. Vasco da Gama (1460-1524), retornando de uma viagem, abriu uma rota marítima à Índia, chegou a Lisboa trazendo a notícia de que poderia alcançá-la pelo mar, provocando o interesse da Coroa em mais investimentos. Nesse contexto, a Coroa portuguesa patrocinou uma nova viagem buscando enriquecer com o comércio das especiarias daquelas terras. Assim, em março de 1500, uma frota com dez naus e três caravelas, comandadas por Pedro Álvares Cabral (1467-1520), partiu de Lisboa com a missão de monopolizar o comércio de pimenta e canela, que estava nas mãos de mercadores árabes (BUENO, 2006).

Diante disso, Vasco da Gama deu instruções detalhadas para Pedro Álvares Cabral chegar à Índia. Entretanto, após 44 dias de viagem, os portugueses avistaram a terra que mais tarde veio a se chamar Brasil. Nela havia povos cujas crenças e valores eram totalmente distintos da dos portugueses, porém, a presença desses habitantes “exóticos” não incomodava, pois o que importava era usufruir de toda a riqueza encontrada na nova Terra (GALANI, 2011). Por isso, a frota de Cabral permaneceu ali durante dez dias mantendo contato com os nativos e observando a Terra. Em seguida, Cabral retomou seu percurso à Índia, deixando em terra dois degredados, enquanto a caravela de Gaspar de Lemos navegou em direção a Lisboa, a fim de narrar a descoberta ao rei, levando consigo macacos, papagaios, madeiras do pau-brasil, cartas relatando a descoberta, e um índio (BUENO, 2006).

---

<sup>1</sup> O termo “descobrimento” tem sido questionado pela historiografia, pois tecnicamente o Brasil não poderia ser descoberto já que estava habitado. O que nos remete a uma visão etnocêntrica europeia, a qual ignora qualquer outra história, tornando a sua de maior valor (CÂNDIDO, 2012).

Pero Vaz de Caminha (1450-1500) foi o escrivão da frota e tratou de narrar em suas cartas ao rei, os primeiros contatos com os indígenas, em pormenores tudo que os portugueses viram ao chegar à nova Terra. Assim, a partir de uma perspectiva de civilização europeia, Caminha deu informações fundamentais sobre aqueles povos (LIMA, 2007).

A feição dêles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acêrca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nêle um osso verdadeiro (PERO VAZ DE CAMINHA, 1971, p. 46).

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um dêles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um côto, muito basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas (PERO VAZ DE CAMINHA, 1971, p. 47).

Ali andavam entre eles três ou quatro môças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam (PERO VAZ DE CAMINHA, 1971, p. 49).

Pela observação de Caminha, percebemos que os indígenas possuíam uma cultura diferente da dos portugueses, cujo andar sem vestimenta representava grande atrativo aos colonizadores. Além disso, os nativos se mostraram receptivos diante dos primeiros contatos, pois a diferença entre as duas culturas, totalmente distintas, gerou muita curiosidade, principalmente por não terem se entendido, já que a linguagem deles também era diferente. Na visão do indígena, o europeu seria uma figura que estava revestida de poderes, pois eles associavam os portugueses aos seus líderes.

Os indígenas viviam em comunidades, unidos por laços sanguíneos, compartilhando direitos iguais, como a liberdade comum sobre a terra. Também, organizavam-se a partir do estabelecimento de grupos conforme a faixa etária: até os sete anos de idade, as crianças dependiam de suas mães – tanto as meninas quanto os meninos – após essa fase, os meninos passariam a aprender os ofícios de seus pais, enquanto as meninas ficavam em casa com suas mães, aprendendo a

tecer e fiar, plantar e cozinhar. A partir do estabelecimento das relações sociais que os indígenas manifestavam, é notável que a educação se fizesse presente nesse contexto, porém, de uma maneira espontânea. Era uma educação informal, realizada na força do

exemplo e na ação, expressando a tradição daquela sociedade e não uma educação voltada para a pedagogia (SAVIANI, 2010). A estrutura social dos nativos não era fundamentada em classes, de modo que se apropriavam coletivamente de tudo que necessitavam para satisfazerem suas necessidades. Assim, produziam naturalmente, plantando e colhendo para sobreviver e, às vezes, trocando alimentos, objetos e mulheres (GALANI, 2011).

Em 1501, D. Manoel I (1469-1521, rei de Portugal desde 1495) enviou ao Brasil três navios para explorar a terra. A expedição resultou no batismo de todos os acidentes geográficos do litoral que encontraram, determinando seus nomes a partir do calendário litúrgico. Recolheram os dois degredados que foram deixados por Cabral e que puderam dar informações detalhadas dos hábitos dos nativos e, também, recolheram toras de pau-brasil, que seriam úteis para a produção de tintas. A princípio, a Coroa não tinha interesse nas terras brasileiras, pois não proporcionava ganhos e não tinha condições financeiras de apoiar duas expedições: Brasil e Índia, por isso, D. Manoel I decidiu arrendar a exploração das terras brasileiras, já que a Índia estava dando lucros maiores nas expedições. Assim, a Coroa permitiu que a nova terra fosse explorada por comerciantes que estavam interessados em lucrar com a comercialização do pau-brasil, o que favoreceu a indústria têxtil que, naquele período, se tornou o motor do desenvolvimento da economia europeia (BUENO, 2006).

A árvore de pau-brasil era frondosa, com folhas de um verde acinzentado quase metálico e belas flores amarelas. Havia exemplares extraordinários, tão grossos que três homens não podiam abraçá-los. O tronco vermelho ferruginoso chegava a ter, algumas vezes, 30 metros, embora a altura média fosse de 20 metros. Os índios a chamavam de ibirapitanga – ou “pau vermelho”. Eles o conheciam há séculos e usavam sua madeira dura para fazer arcos e sua tinta para tingir de vermelho penas brancas (BUENO, 2006, p. 64).

O pau-brasil possui uma tinta vermelha que era usada pelo indígena para tingir penas brancas e utilizavam sua madeira para fazer arcos. Entretanto, as

primeiras expedições oportunizaram a exploração da madeira pelos europeus que adentravam a mata juntamente com o nativo que, derrubava, descascava, atorava e transportava os troncos da árvore até os navios. Em troca da madeira extraída, o europeu dava aos nativos presentes: eram objetos que não tinham valor, como espelhos, pentes, roupas, chapéus, facas, machados, entre outros (LIMA, 2007).

D. Manoel I morreu em 1521, deixando seu filho D. João III (1502-1557, rei desde 1521) como seu sucessor. O novo rei foi alertado de que as terras brasileiras estavam sendo invadidas por corsários franceses, que passaram a assediar o Brasil, pois não aceitavam o monopólio português e, assim, comercializavam a madeira mais barata. Diante disso, era necessário à Coroa encontrar uma solução para as invasões, antes que perdesse suas terras. Portanto, como forma de garantir a proteção das terras brasileiras, a Coroa ordenou a patrulha e uma nova expedição em 1527. Essas ações não solucionaram o problema. Nesse contexto, a Coroa estabeleceu a colonização como a única forma de garantir o controle total do território. Assim, “Dom João III deu início, na década de 1530 do século XVI, à maior exploração do Brasil e à sua colonização duradoura, a fim de melhor proteger o Brasil de invasões estrangeiras indevidas” (MAINKA, 2012, p. 58).

D. João III enviou ao Brasil cinco navios que estavam sob o comando de Martim Afonso de Souza (1490-1571). Nele vieram “400 colonos e todo o material necessário para a fundação de uma colônia – mantimentos, ferramentas agrícolas, mudas de plantas e sementes” (MAINKA, 2012, p. 58). De modo que, para que a colonização subsistisse seria necessário possuir um local em que houvesse moradia e o cultivo agrícola.

Em 1532, Martim Afonso de Souza fundou a vila de São Vicente. Mais tarde, quando foi necessário o povoamento da terra, a Coroa dividiu-a em quinze quinhões, por uma série de linhas paralelas ao equador, criando as Capitânicas Hereditárias. Esses quinhões não podiam ser vendidos, nem divididos, entretanto, foram entregues aos chamados donatários, os quais se tornaram possuidores das terras e não proprietários da mesma. O intuito da Coroa ao criar as capitânicas era desenvolver uma estratégia para colonização brasileira, tendo o propósito de incorporá-lo à economia do mercado europeu. Todavia, apenas duas capitânicas prosperaram: São Vicente e Pernambuco, as demais foram sendo tomadas pela Coroa (FAUSTO, 2007).

Um governo central foi necessário para administrar a nova Colônia, por isso, em 1549, Tomé de Sousa (1503-1579) foi nomeado o primeiro governador geral do Brasil. Em seu regimento, passou a representar diretamente a aplicação da justiça da Coroa, adotando competências cujo fim era garantir o equilíbrio da Colônia nas áreas militares, jurídicas, civis e fiscais. Desse modo, Tomé de Sousa cuidou de edificar a cidade de Salvador, construindo prédios para administração colonial e casas para a moradia. No que se refere à condição física e populacional, a cidade de Salvador cresceu rapidamente. Nessa fase inicial da colonização, os colonos – que vieram de ilhas portuguesas do Atlântico – não guerreavam com os indígenas, de modo que vivia uma relação favorável diante das mudanças ocorridas (MAINKA, 2012).

Entretanto, havia muitos homens e a falta de mulheres passou a ser um problema que deveria ser solucionado com urgência, pois os colonos passaram a se envolver com indígenas e escravas africanas ultrapassando os limites sociais e as restrições que a moral da fé católica tornava válidos num reino cristão. Assim, “considerando-se a falta notável de mulheres, realizaram-se contatos sexuais extraconjugais, depois também conjugais, legítimos e socialmente reconhecidos, entre os colonos portugueses e mulheres nativas” (MAINKA, 2012, p. 66). Diante disso, considerando a falta de mulheres, os portugueses passaram a ter contatos com as nativas, passando a cometer pecado abominável diante da Igreja.

Para a obtenção do sucesso na exploração colonial, foi necessário solidificar a economia, por isso, Tomé de Sousa (1503-1579) continuou explorando o pau-brasil e passou a incentivar a agricultura. Também, foi necessário estabelecer relações pacíficas com os indígenas. Desse modo, os nativos que se sujeitavam ao domínio português eram bem tratados, em contrapartida, aos que se rebelavam, eram tomadas medidas violentas, rigorosas (MAINKA, 2012).

A cana-de-açúcar, depois do pau-brasil, foi o principal recurso para exportação. Entretanto, para realização de seu cultivo e dos processos seguintes, era preciso mão de obra além da capacidade dos colonos. Dessa maneira, a importação dos escravos africanos contribuiu para o estabelecimento da economia colonial. Os escravos trazidos da África (por volta de 1550) eram enviados ao Brasil em situações precárias que levava a maioria à morte antes mesmo de desembarcarem. Entretanto, a maioria dos escravos tinha habilidade e eram

desenvolvidos diante dos trabalhos que deveriam realizar, pois vinham de uma cultura em que a criação de gado e o trabalho com ferro era prática de seu cotidiano. Como forma de garantir sua sobrevivência, obedeciam a seus senhores trabalhando até se esgotarem (FAUSTO, 2007).

A sociedade se organizou sobre uma economia agrária, latifundiária e escravista, assumindo formas cada vez mais avançadas, se organizando e reorganizando-se, a fim de concentrar em si poder, riqueza, propriedade e prestígio social. O capitalismo começava a progredir, dando lugar aos proprietários dos meios de produção e excluindo os degradados, marginalizados que exerciam diversas atividades (XAVIER, 1994).

Nesse contexto, foi necessário um novo homem para viver naquela sociedade que progredia cada vez mais. Por isso, a Igreja, associada à Coroa enviou padres missionários para o Brasil com o objetivo de propagar a fé católica, reorganizando totalmente a vida em comunidade. Os jesuítas passaram a dividir com a Colônia o tesouro da cultura cristã, adequada a todos que se dedicavam ao cultivo da terra, do espírito e da salvação. Dessa maneira, o trabalho braçal era visto como uma tarefa que Deus havia separado para uma parte da população, que o fazia como penitência de seus pecados para garantir sua entrada no céu, enquanto isso, aqueles que eram poupados do trabalho, teriam a tarefa de administrar os negócios e a vida em sociedade.

## **2. A PRESENÇA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLONIAL**

No século XVI, o pensamento era fundamentado na religião, de modo que toda ação era justificada partindo dela. Logo, na Europa Ocidental, era impossível ser humano sem ser cristão. Por isso, havia uma luta constante para a conversão dos infiéis e também daqueles que não conheciam a doutrina cristã, a fim de salvar suas almas. Nesse contexto, a descoberta das terras brasileiras, habitada por um povo que não tinha consciência do que era ser cristão, tornava-se evidente ao português a necessidade de fazer com que os nativos se tornassem cristãos, assim como os portugueses (PAIVA, 2012).

Os portugueses viam os indígenas como um grupo de indivíduos cujas diferenças culturais e étnicas não existiam; como se fossem uma realidade única, visto em sua coletividade, nomeado: gentio. Quando os portugueses ignoraram as peculiaridades do indígena, não diferenciando o que cada ser humano tem de próprio – as diferenças culturais de cada tribo – passam a torná-los iguais a si (NEVES, 1978).

Dom João III tomou medidas para o desenvolvimento e a colonização do Brasil organizando a parte administrativa e econômica da Colônia. No entanto, diante das ameaças protestantes que colocavam à prova o domínio da Igreja Católica, o rei se deparou com a necessidade de transmitir a fé católica, não só aos indígenas, mas aos portugueses que viviam ali (LIMA, 2007).

Juntamente com Tomé de Sousa (1503-1579), em 1549, chegou ao Brasil, o Padre Manuel da Nóbrega (1517-1570, fundador da Missão Jesuítica no Brasil) e mais cinco companheiros: Padre Antônio Pires, Leonardo Nunes, João de Azpilcueta (Padre Navarro), Irmão Vicente Rodrigues e Diogo Jácome. A vinda de padres jesuítas ao Brasil tinha a missão de catequizar os nativos, de modo que este era um interesse da Coroa, associada à Igreja, a qual elegeu a Companhia de Jesus para ter monopólio de ensino nas colônias. A Companhia de Jesus havia sido criada com o objetivo de propagar a fé católica para todos os que ainda não a conheciam (FAUSTO, 2007).

Os jesuítas são ativos, missionários, vão ao encontro de novos fiéis, fazem catequese e se põem a serviço do Papado, para reforçar a centralização institucional e a unidade doutrinária da Igreja Católica... Atuam imbuídos de uma missão: manter e propagar a fé católica em uma fase em que ela é contestada pela Reforma (HILSDORF, 2006, p.4).

Os padres buscaram proporcionar a expansão da fé pela cristianização. No entanto, para a realização de sua missão, era indispensável o apaziguamento entre os indígenas e os europeus. Os jesuítas passaram a cuidar dos colonos que levavam uma vida rude, cheia de vícios e de ignorância e, também, se arriscavam quando dedicavam suas vidas à conversão dos gentios (MAINKA, 2012).

Os jesuítas não aceitavam alguns comportamentos indígenas, como o incesto, o canibalismo e a nudez. O comportamento do gentio deixava para os padres a impressão de que eles eram animais, desconhecendo totalmente os estatutos para se viver em sociedade. Dessa maneira, o indígena parecia ao europeu serem parecidos com animais, pois não tinham limites (NEVES, 1978).

Nesse contexto, a salvação estava na Igreja, por isso, a precisão de mudar hábitos de vida se tornando um cristão, se batizando e ingressando na sociedade. Porém, para fazer com que os indígenas se convertessem, utilizaram a força, o medo e o castigo, de maneira que àqueles que não aceitavam, ou se uniam e fugiam, eram escravizados e suas almas estavam condenadas ao inferno. Diante da necessidade de evangelizar, mostrando às pessoas o caminho da salvação, um caminho de paz que as levavam até o Senhor, os jesuítas iam de encontro a todos que careciam serem salvos. Diante da morte, muitos pediam o batismo com medo do inferno (PAIVA, 2006).

Mais importante do que saber que os jesuítas eram pregadores, levavam uma mensagem religiosa, é saber que eles eram funcionários de uma ordem estabelecida e desejosa de se estabelecer naquela nova terra. De modo que eles não foram enviados ao Brasil para fundar uma nova ordem, e sim para fundar, juntamente com os nativos, a mesma ordem que os enviaram. Por isso, devemos considerá-los como homens de sua sociedade, cumprindo uma tarefa estabelecida pela mesma. Diante disso, o mundo fundado sobre a realidade de Deus responsabilizava todos a manterem a fé e assegurá-la aonde ainda era desconhecida. Por isso, entender a conversão do nativo pela sua sujeição passou a ser mais bem compreendido se

vista a partir da tarefa imposta. Sujeitá-lo foi à maneira mais prática para se chegar ao fim desejado: sua conversão (PAIVA, 2006).

Para atender o desejo de expandir o mercado português, os colonos precisavam de mão de obra, de modo que para eles, a conversão do nativo não era totalmente necessária. Enquanto os missionários queriam convertê-los, ensinando a língua portuguesa e impondo sua cultura, os colonos passavam a ver a catequização como vantagem para usar os indígenas para seus fins mercantis. Entretanto, o ensino ministrado pelos padres jesuítas era completamente alheio à realidade da vida da Colônia, pois era destinado a dar cultura geral básica, desse modo, o ato de ler e escrever não tinha significado para a sociedade nascente, pois importava mais preparar mão de obra para o trabalho (ROMANELLI, 2007).

O tupi era a principal língua falada pelos indígenas, mas, como os missionários não falavam tupi, contaram com ajuda de pessoas que tinham experiência com os nativos e, conseqüentemente, foram integradas à Companhia de Jesus. Entretanto, essas pessoas não tinham preparo teológico. Outra forma de evangelizar os nativos foi através de crianças – sendo grande parte crianças órfãs trazidas de Portugal. Para elas, foi fundado o Colégio dos Meninos de Jesus (por volta de 1550) da Bahia, e depois, de São Vicente. As crianças portuguesas interagiam com as crianças indígenas e mestiças, aprendendo o tupi e ensinando noções de português. Com a mediação das crianças brancas, os jesuítas pretendiam atrair as crianças indígenas, a partir delas, agiriam sobre seus pais, a fim de convertê-los à fé católica (SUESS, 2005).

Diante da população colonial que enfrentava a submissão e a pobreza, os indígenas tentavam resistir às mudanças geradas pelos europeus, enquanto os escravos lutavam para sobreviver ao exílio forçado. Os jesuítas tinham a missão de catequizá-los, a fim de assegurar sua conversão criando núcleos missionários e escolas elementares garantindo a evangelização de pais e filhos que, também, se estendia aos colonos (ROMANELLI, 2007). Entretanto, os padres não tinham uma fórmula certa e pronta para realizar a catequese, mas passaram a fazer experimentos, a partir da convivência mantida com o nativo e da assimilação de seu modo de viver é que puderam formar aldeamentos (FÉLIX, 2011).

Entendemos por catequese toda a ação pastoral da Igreja: a doutrinação propriamente dita, a pastoral litúrgico-devocional, o

comportamento das pessoas e das instituições eclesiásticas. Trata-se, na verdade, da catequese tal qual se realizou efetivamente e não da catequese teórica, universal, uniformemente transmitida para todos os povos, indiferentemente (PAIVA, 2006, p. 13).

A catequese desempenhou “um papel sem par na conservação e sobrevivência da sociedade, informando-lhe o estilo e organizando-a idealmente”. Esses valores funcionam paradigmaticamente, ou condenando ou reforçando ou extinguindo (PAIVA, 2006, p. 12). Logo, os jesuítas identificaram formas de resistência entre os indígenas, vendo que a aproximação e o convencimento não davam resultados, passaram a inverter suas prioridades, buscando extinguir a cultura do indígena e depois ensinar a doutrina cristã. Desse modo, os padres alteraram suas práticas adaptando seus projetos de acordo com as coordenadas dadas pelo Padre Manuel da Nóbrega. Em seu primeiro plano de educação, Nóbrega adequou os conhecimentos da Companhia de Jesus à vida indígena, buscando interagir com os indígenas, a fim de catequizá-los, pregando a visão de mundo que provinha de Deus (o mundo era de Deus). A catequese tira do nativo suas características e passa a ensiná-los (através da catequização) a respeitar o homem branco, respeitar as autoridades, valorizar o trabalho e os “bons costumes” (NEVES, 1993).

A partir das observações do modo de viver do indígena, os jesuítas passaram a utilizar recursos pedagógicos de seu cotidiano, quando perceberam que poderiam cativar os indígenas pela música, logo os reuniram, introduzindo em suas missas o canto e instrumentos com o intuito de incutir neles uma nova cultura. Observamos que primeiro os padres se adaptaram à vida dos nativos para depois, desarticular a organização deles, aos poucos eles tiraram as músicas dos nativos das missas, permitido somente as músicas sacras. À medida que se aperfeiçoavam no canto, dança e músicas, os padres intervinham com novas estratégias como o teatro, o sermão e a procissão, usando todos os recursos do campo artístico para atrair os nativos, suprimindo sua cultura e propagando a doutrina e a fé católica.

Naquele momento histórico, todas as oportunidades que poderiam incutir no índio a moral e o respeito aos dogmas da Igreja foram empreendidos, de maneira que a “educação” estava relacionada ao desenvolvimento da sociedade colonial, ou seja, o ensino limitava-se pelas necessidades da sociedade nascente. No entanto, os padres também não pouparam no uso da violência, da força e na tentativa de

aculturá-los através do medo e da opressão, com isso, nenhuma situação que incutisse o medo era desprezada, mesmo se fossem situações criadas. Diante dessas considerações, os métodos utilizados pelos padres podem ser considerados adequados, isto é, condizentes se vistas a partir da realidade impressa nos séculos XVI e XVII, pois visavam transformar a vida dos indígenas, criando neles novos hábitos para viver naquela nova sociedade (NEVES, 1993).

Que espécie de cultura poderia se desenvolver em condições materiais tão adversas? Sem dúvida, uma que fosse marcada pelo autoritarismo típico da religião institucionalizada, pelo elitismo de uma estrutura social brutalmente dividida em extremos intocáveis e pelo caráter contemplativo adequado às exigências ociosas, dos que vivem da produção primária de produtores compulsórios (XAVIER, 1994, p. 33).

Os jesuítas buscavam aculturar os nativos na tentativa de torná-los obedientes, criando neles novos costumes a partir de métodos de convencimento, de modo que submetê-los à nova ordem seria mais importante do que ensinar matemática (contagem) ou letras (leitura). Entretanto, diante das tentativas de aculturar os indígenas, os padres desanimaram diante da ineficácia da evangelização, pois muitos que achavam estar catequizados, doutrinados, considerados cristãos, fugiam, retornando aos velhos costumes (NEVES, 1993). Contudo, diante da falta de resultados de seu trabalho, os padres começaram a esmorecer, pois mesmo que os jesuítas tentassem acabar com o modo de vida dos nativos, e assim o fizeram, não conseguiram mudar a mente deles: ainda eram indígenas, mesmo que “aculturados” – aos olhos dos jesuítas. O modo de viver dos indígenas estava enraizado, de maneira que não se submetiam às relações sociais e não se interessavam pela organização da sociedade, já que não conheciam outra cultura.

### 3. AS CARTAS DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA

Manuel da Nóbrega nasceu em 18 de Outubro de 1517 em Portugal, estudou nas universidades de Salamanca e de Coimbra, se graduando em Coimbra em 1541 e entrou na Companhia de Jesus em 21 de Novembro de 1544, já Padre. Ele era sacerdote notável por sua virtude e conhecimento do Direito Canônico. Na Companhia ele desempenhou o cargo de procurador dos pobres, realizou peregrinações em Salamanca e Santiago, andou em pregações rurais, examinou processos jurídicos de bens eclesiásticos. Tantas ocupações o elegeram como capaz de representar a Missão o Brasil, sendo nomeado Provincial de Portugal. Chegou ao Brasil com mais cinco Padres e Irmãos e logo começou sua missão: converter o Gentio. Em fins de 1552 seguiu da Baía para a Capitania de São Vicente, e no ano seguinte fundou a Aldeia de Piratininga e nela o Colégio de São Paulo. Retornou à Baía em 1556. Com a vinda do Governador Mem de Sá (1500-1572, governador desde 1558), sua autoridade civil se fortaleceu, passando a ter maior vínculo com o Estado, a partir da incorporação do sistema de sujeição dos nativos e com a conquista do Rio de Janeiro. Além de ser o fundador da Missão do Brasil, Nóbrega conservou o cargo de Provincial até 1560, depois passou para o Padre Luís da Grã. Suas cartas dão testemunho de suas virtudes religiosas e cívicas. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro em 18 de Outubro de 1570, mesmo dia em que completara 53 anos de idade.

As cartas do Padre Manuel da Nóbrega (1517-1570) nos revelam o papel que a Companhia de Jesus desempenhou no início da colonização brasileira. Incumbidos de catequizar seus habitantes, os jesuítas tinham a missão de evangelizar pessoas que viviam em pecados, os quais não eram aceitos diante da Igreja, e cujo modo de viver era totalmente distinto dos seus. Entretanto, os padres não tinham uma fórmula certa, pronta e que daria resultados rápidos, por isso, as palavras de ordem passaram a ser: adaptação e resistência, tentando todos os métodos possíveis para chegar ao objetivo esperado.

*Chegamos a esta Baya a 29 dias do mês de Março de 1549.  
Andamos na viagem oito somanas (NÓBREGA, 1556, p. 109).*

Em seus primeiros escritos, o Padre Manuel da Nóbrega dirigiu suas cartas somente para dar notícias sobre sua chegada ao Brasil, o que fez ao chegar e o que esperava fazer: ao chegar, encontraram 50 moradores na terra e que os receberam com grande alegria. A terra era tranquila, o que facilitou a habitação em uma casa e terem uma igreja para realizar missas com Irmãos e Padres. Nóbrega pregava às pessoas daquela terra e ao Governador esperando uma mudança no modo de vida destes, pois viviam em pecado: tinham muitas mulheres índias e, estas, tinham muitos filhos. Também observou que o ato de ensinar os meninos a ler e escrever ministrado por Vicente Rijo ou Vicente Rodrigues (1528-1600, o primeiro Mestre-Escola do Brasil) poderia ser uma boa maneira de ensinar aos indígenas as orações e as doutrinas da fé até estarem aptos para o batismo.

Desta maneira ir-lhe-ey insinando as orações e doutrinando-os na fé até serem habiles para o baptismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, senão que nom tem com que se cubrão como nós, e este soo inconveniente tem. Se ouvem tanger à missa, já acodem e quanto nos vem fazer, tudo fazem: assentão-se gíolhos, batem nos peitos, alevantão as mãos ao ceo; e já hum dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube ho ABC todo, e ho ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e nom comer carne humana, nem ter mais de uma molher e outras cousas (NÓBREGA, 1556, p.111).

Nóbrega exprime tanto o desejo dos indígenas de serem cristãos como o desejo dos padres de aprenderem o tupi para estarem mais aptos a ensinarem os nativos. Ele nos deixa claro em sua primeira carta destinada à Simão Rodrigues (Baía, 10 de Abril de 1549) que acreditava no desejo dos nativos de querer conhecer e ser como eles, pois não tinham conhecimento de Deus e faziam tudo que lhes mandavam, por isso, os padres estavam determinados a aprenderem a língua dos nativos para lhes ensinarem em sua própria língua, entretanto, havia a dificuldade da falta de vocábulos na língua indígena que exprimissem os conceitos religiosos cristãos. Na mesma carta, ele deu testemunho de um indígena, citado como principal, que se tornou grande amigo dos padres, pois os ajudava muito e tinha o desejo de converter seus irmãos e mulher.

Anda muito fervente e grande nosso amigo; [...] Traz-nos peixe e outras cousas da terra com grande amor. Nom tem ainda noticia de nossa fé, insinamo-lha; madruga muyto cedo a tomar lição e depois vai aos moços a ajudá-los às obras. Este diz que fará christãos a seus irmãos e molher e quantos poder (NÓBREGA, 1556, p. 113).

Em outra carta para Simão Rodrigues (Baía 9 de Agosto de 1549), o Padre Manuel da Nóbrega via o costume dos nativos andarem praticamente nus e de terem várias mulheres e as deixarem quando quisessem como um pecado que trazia escândalo para a igreja, por isso a necessidade de que mais famílias fossem enviadas ao Brasil, essas deveriam saber tecer algodão e fazer outros ofícios, como carpintaria. Também pediu que fossem enviadas roupas e mais Irmãos para ajudarem nas necessidades daquela terra e falou sobre a necessidade de um Bispo para consagrar óleos, que estivesse disposto a trabalhar na obra de Deus e, um Vigário para castigar os erros cometidos, pois ali, as pequenas heresias que eram reprovadas pela Igreja, não eram consideradas pecado.

Também peça a V.R. algum petitorio para roupa, para entretanto cubrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada molher, polla honestidade da religião christã, porque vem todos a esta Cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devação, e vem rezando as orações que lhe insinamos, e nom parece honesto estarem nuas entre os christãos na igreja, e quando as insinamos (NÓBREGA, 1556, p. 127).

Tiene esta tierra mil léguas de costa toda poblada de gente, que anda desnuda assí mugeres, como hombres, tirando algunas partes muy lexos donde estoy, adonte lãs mugeres andam vestidas al traje de gitanas (pequenas tipoias) com paños de algodón, por la tierra ser más fria que esta, la qual aqui es muy templada (NÓBREGA, 1549, p. 147).

Em sua carta destinada a Inácio de Loyola, Roma (São Vicente, Maio de 1556), ele também fala sobre a dificuldade de converter o indígena, por viverem uma vida pecaminosa, diante das doutrinas da Igreja, mantendo relações com várias mulheres e largando delas quando achavam por bem mantendo suas vidas de pecados e, assim, não podendo desfrutar totalmente da legitimidade da fé, sendo batizados.

Ho gentio desta terra, como não tem matrimonio verdadeiro com animo de perseverarem toda a vida, mas tomão huma molher e apartão-se quando querem, de maravilha se achará, em huma

povoação e nas que estão ao derredor perto, quem se poça cassar dos que se convertem, legitimamente, à nossa fee, sem que aja inpidimento de consanguinidade ou afinidade, ou de publica onestidade. E este nos hé o maior estorvo que temos, nem os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ouzamos a dar o sacramento do bautismo, pois hé forçado fiquarem ainda servos do peccado (NÓBREGA, 1556, p. 277).

Em informações que o Padre Manuel da Nóbrega escreve aos Padres de Coimbra, em Agosto de 1549, ele descreve as terras brasileiras, como sendo uma terra úmida e quente, com lindos jardins cheios de plantas e frutas. A mandioca era um mantimento comum que utilizada com o milho, fazia-se farinha e pão. Também havia muitos peixes e mariscos. Bois, vacas, ovelhas, cabras e galinhas. Não guardavam nada de comida para o outro dia e não juntavam riquezas. Em todo o momento, o Padre Manuel da Nóbrega, mostrava a grandeza do Criador por haver feito tantas e tão diversas criaturas formosas.

Nas terras, habitavam várias tribos indígenas: Goianases ou Carijós que foram ensinados tinham suas casas e os Gaimurés ou Aimurés que viviam no meio do mato, não tinham comunicação com os cristãos e achavam que eles eram seus irmãos por terem barbas como eles. Os que tinham comunicação com os padres eram os Tupeniques ou Tupinaquins e os Tupinambás. Estes tinham casas grandes, eram casados e moravam com suas mulheres e filhos. Dormiam em redes de algodão perto de fogueiras que acendiam para se protegerem do frio, porque andavam nus.

Ao falar sobre o modo de abordar o nativo, ele e mais três de seus companheiros começaram a visitar as aldeias, apresentando às famílias o Reino dos Céus e perguntando se estes gostariam de saber mais sobre Deus. Ensinavam a doutrina cristã, pois demonstravam muito desejo de aprender e se tornarem cristãos e também queriam aprender a ler e escrever, entretanto, o único empecilho era fazê-los deixar seus maus costumes. Logo, as pessoas aprendiam as orações e eram ensinadas de acordo com a fé católica, em consequência, seriam batizadas e se casariam corretamente. Todo o trabalho dos padres consistia em fazer com que os indígenas deixassem algumas práticas que cometiam: matar os contrários, comer carne humana, ter muitas mulheres, pois acreditavam que as outras coisas seriam fáceis, já que não tinham ídolos. Aos poucos, os nativos os ajudavam a construir casas, engenhos, plantar cana, algodões e alimentos. Em sua carta para D. João III

(rei de Portugal – São Vicente, 10 de outubro de 1553), observamos algumas mudanças ocorridas na sociedade colonial.

Há muitas gerações que não comem carne humana. As mulheres andão cobertas. Não são crueis em suas guerras como estes da costa, porque somente se defendem; algumas tem hum soo Principal, e outras cousas mui amigas da lei natural. Polla qual rezão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes socorrermos, maiormente que nesta Capitania nos proveo de instrumentos pera isso, que são alguns Irmãos lingoas, e por estas rezõis nesta Capitania nos ocupamos mais que nas outras. Está principiada huma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolherão alguns orfãos da terra e filhos do gentio (NÓBREGA, 1553, p. 16).

Na Baía não se emtende agora com o gentio por falta de lingoas que não temos, somente se sustenta aquella casa e se soutrinão alguns moços, e assi tãobem porque andão elles agora todos baralhados em tão crueis guerras, que vezinhos com vezinhos e cassa com cassa se comem, que hé grande juízo de Nosso Senhor. E hé agora o mais conveniente tempo para a todos subjeitarem e os emporem no que quizerem, e já agora a terra estava honestamente segura e chea de gente pera se poder fazer, se os Indios o quisessem contradizer, quanto mais que por serto se tem que assi huns como os outros, que dentro daquella geração de dez ou dose legoas estão, lhes virá já bem e folgarião aseitar qualquer sojeição (NÓBREGA, 1553, p. 16 e 17).

Nóbrega enfatizou que nisso os cristãos não ajudavam em nada e sim atrapalhavam, pois os gentios iam pra um lugar em que os padres não podiam cuidar deles, levando seus filhos que já estavam doutrinados. Também escreveu que já estava cansado de ouvir os gentios contando coisas escandalosas/vergonhosas sobre os cristãos, pois falavam uma coisa e viviam outra: fornicavam, roubavam, adulteravam. Isso escandalizava o gentio. De maneira que a terra estava perdida, destruída, arruinada. Não havia remédio, pois os cristãos acreditavam que os infiéis não poderiam ser testemunhas contra eles, assim, garantiam em não cometer seus pecados na frente de cristãos, mas não se importavam com o gentio. Nada poderia ser feito, mesmo matando pessoas, não poderiam ser punidos, pois nenhum branco havia de testemunha. Essa atitude foi deixando os padres desanimados como aponta em sua carta destinada à Simão Rodrigues (São Vicente, 10 de Março de 1553).

La gente desta tierra es flaca em el entender, y de mala creación y de mucho tiempo habituada em grandes maldades, y gente de menos calidad que toda. Ayuntóse también en esta Capitanía aver muchos índios forçados, outros salteados, y porque nosotros los favorescemos y predicamos contra ellos, y algunos se livertaron, y no los abolvimos si no los libertan, commota est universa gens contra nosotros: digo destos a quien esta plaga alcança, que los otros, que deso están libres, nos aman mucho. De maneira que si alguna cosa aora hazemos, es enseñar niños índios em las Casas de lãs Capitanias, y criarlos y a los esclavos y salavas, aunque com tanta contradición de los blancos no se puede hazer nada más que desacreditar cada vez nuestro ministério (NÓBREGA, 1553, p. 454).

Desde que o Padre Manuel da Nóbrega foi adquirindo experiência e entendendo o que poderia fazer para converter o gentio - acreditava que não era sujeitos e sim “feras bravas” - ele passava a afirmar que havia pouca esperança para dominar (senhorear) aquela terra, com o tempo, ele foi entendendo, por experiência própria, o pouco que se podia fazer para converter o gentio, pois não eram sujeitados e os cristãos que viviam ali só atrapalhavam, sendo mal exemplos e fazendo escândalos, de maneira que isso já bastava para não convencer o gentio, assim como observamos em sua carta ao P. Miguel de Torres, Lisboa (Baía - Rio Vermelho - Agosto de 1557).

Des que fui entendendo por experientia ho poco que se podia fazer nesta terra na conversão do gentio por falta de não serem soyeitos, e elle ser huma maneira de gente de condição mais de feras bravas que de gente rational, e ser gente servil que se quer por medo, e com juntamente ver a pouca esperança de se a terra senhorear, e ver a pouca ajuda e os muitos estorvos dos christãos destas terras, cujo escândalo e mao exemplo abastara pera não se convencer, posto que fosse gente de outra qualidade, sempre me disse o coração que devia mandar aos Carijós, os quais estão senhoreados e sobreitos (NÓBREGA, 1557, p. 402).

O trabalho missionário dos padres jesuítas esbarrava em dificuldades. Quanto aos colonos, os padres se defrontavam com devassidão e não obediência às ordens dos padres. Quanto aos indígenas, eles fugiam porque não estavam acostumados à vida sedentária, e não conheciam a doutrina cristã.

Em carta ao P. Miguel de Torres, Lisboa (Baía, 8 de Maio de 1558), o Padre Manuel da Nóbrega fala sobre seu desejo de senhoreamento.

Depois desta Baía senhoreada, será fácil cousa sujeitar as outras Capitánias porque somente os estrondos que lá fez a guerra passada os fez muito medrosos e aos cristãos deu grande ânimo, tendo-o antes mui caído e fraco, sofrendo cousas ao gentio que é vergonhosa dizê-lo. Desta maneira cessará a boca infernal de comer a tantos cristãos quantos se perdem em barcos e navios por toda a costa; os quais todos são comidos dos Índios e são mais os que morrem que os que vêm cada ano, e haveria estalagens de cristãos por toda a costa, assim para os caminhantes da terra como para os do mar (NÓBREGA, 1558, p. 449).

Na opinião do Padre Manuel da Nóbrega, se o gentio fosse senhoreado, teria vida espiritual, conheceriam seu criador, seriam vassallos da Coroa e obedeceriam aos cristãos, assim, todos viveriam melhores, afirmando que os gentios se converteriam somente se fossem sujeitados e os temessem. Logo, a nação portuguesa era a mais temida e obedecida e estava sofrendo e se sujeitando “ao mais vil e triste gentio do mundo” (NÓBREGA, 1558, p. 449). Ele queria que os que matassem pessoas das naus fossem castigados e sujeitados, dessa forma, sujeitando os gentios, seriam “escravos legítimos, tomados em guerra justa” (NÓBREGA, 1558, p. 449), de maneira que haveria muitas criações, engenhos e muitas almas ganhas. Depois de senhorear aquela Baía, seria mais fácil sujeitar as outras Capitánias, pois os estrondos da guerra passada, já haviam deixado os gentios temerosos. E, isso fez com que os padres que, antes estavam desanimados, retomassem seus ânimos.

Dessa maneira, o senhoreamento seria o melhor meio para se povoar a terra de cristãos. Todavia, seria preciso alguém (que fosse bem remunerado) escolhido pelos padres e aprovado pelo Governador, para cuidar dos nativos, castigando eles quando houvesse necessidade. Com isso, os indígenas deveriam ter apenas uma mulher, não comer carne humana, não fazer guerra sem a permissão do Governador, se vestir, tirar deles os feiticeiros; que fossem justos consigo mesmos e com os cristãos; fazerem com que não se mudassem e que os padres da Companhia os doutrinassem. D. Duarte começou a executar essas coisas e Mem de Sá (1500-1572) passou a fazê-lo com maior liberalidade pelo Regimento. (Esse regimento foi mandado pelo Rei).

Alguns meninos gentios fugiram para morar com suas famílias, todavia, Mem de Sá, passou a ajuntá-los (1558). Outros cresceram e foram trabalhar (ofício), o que explica o motivo de não estarem mais na casa. E, outros foram mandados para

a Capitania do Espírito Santo, pois haviam muitos na casa e não havia quem fizesse comida para todos. Todavia, passariam a ajuntar as pessoas que tinham melhores habilidades para poderem ajudar na casa. Por fim, Mem de Sá ajuntou quatro aldeias em uma só, pois de outra maneira não se podia doutrinar, nem sujeitar, nem colocá-los em ordem, pois os indígenas não eram piedosos, nem tinham misericórdia. Nóbrega acreditava que eles não tinham alma. Eles não ouviam o que lhes falavam, só queriam saber de coisas de seus interesses.

No entanto, o desejo de Nóbrega era converter o gentio, ensinando sobre Cristo, batizando e casando conforme a fé Católica, assim, teriam liberdade de castigar os males que praticavam, mantendo neles a justiça e a verdade entre si e diante do Rei, estando sujeitos à Igreja (como já o eram) e, também, fazendo justiça diante dos escândalos que cometiam. Caso não quisessem receber a Cristo, seriam sujeitados a servirem o Rei e os cristãos, como era feito em todas as terras conquistadas (como o Peru e outras). Já podiam pregar e ouvir as confissões na língua dos escravos, assim, poderia fazer muito mais frutos, pois acreditavam que ao fazer os nativos se arrependem de seus pecados, suas almas eram salvas (NÓBREGA, 1557).

Em São Vicente, Nóbrega escreveu para o Padre Miguel de Torres, Lisboa (Maio de 1556) falando de sua chegada às terras brasileiras, em que vivia de esmolas, juntamente, com outros padres, os quais conviviam com os gentios (indígenas).

Achegamos à Baya onde começamos de exercitar-nos com ho gentio e com os christãos, vivendo de esmolos [...] Nesta Capitanis de S. Vicente o Padre Leonardo Nunes fes o mesmo, ajuntou muitos meninos da terra, do gentio, que se doutrinavão nesta casa, e estavão de mestura com alguns Irmãos que elle recolheu nesta terra; a todos era muito dificultoso, e obrigadavamo-nos a cousas que não erão de nosso Instituto, porque a mantenã delles, e a terra aver poucas esmolos pera tanta gente, foi-me forçado, dêz que a esta Capitania vim, a passar os meninos a huma povoação de seus pais, donde erão a maior parte delles, e com elles passei alguns Irmãos e ffizemos casa e igreja, e tivemos commosco somente alguns que erão de outras partes. Esta casa servia de doutrinar os filhos e os pais e mais, e outros alguns, como pollas cartas dos quadrimestres veja; daqui se visitão outros lugares de gentio que estão ao redor. Nesta casa se Lee gramática a quatro ou sinquo da Companhia e lição de casos a todos, assi Padres como Irmãos, e outros exercicios esperituaes (NÓBREGA, 1556, p. 281 e 282).

A manança de todos agora hé as esmolos da Cidade, a qual tomou a cárreguo mantêre-nos até avêremos algum remédio com a vinda dos mais que esperamos, porque d'El-Rei não nos dão nada, nem há de dar: e se N. Senhor nam abrira este caminho, não sei que fora de nós, porque nem com vender os ornamentos e cálices da igreja fora possível manter-se toda gente. Esperamos maneira de sustentação (NÓBREGA, 1957, p. 399).

Os padres fizeram casa e igreja e mandaram os filhos que tinham pais, morarem com eles, pois não havia como manter a casa, já que viviam de esmolos. A casa serviria para doutrinar os filhos, os pais e as mães. Nela, havia o estudo da gramática a quatro ou cinco estudantes e a todos da Companhia, bem como alguns exercícios espirituais e lição de casos. Era mantida, principalmente, pelo trabalho de um ferreiro que consertava as ferramentas dos nativos, que em troca, lhe dava mantimento e, também, usavam o leite de uma vaca que havia na casa como forma de mantê-la. Também, recebiam esmola de algumas pessoas e a dada pelo Rei. Porém, mais tarde (1557), passaram a receber esmolos da Cidade, pois o Rei já não as dava mais.

## CONCLUSÃO

Ao chegarem ao novo mundo, os portugueses buscavam tomar posse das terras, por isso, empenharam-se na tentativa de desenvolver atividades que contribuíssem para a concretização desse objetivo, entretanto, encontraram um povo cuja cultura era totalmente diferente da sua. Os nativos viviam livres, tirando da natureza seu modo de sobrevivência, de maneira que sua existência era condizente ao espaço da natureza que ocupavam, pois desconheciam outras culturas e doutrinas.

A chegada dos jesuítas no Brasil proporcionou a expansão da fé e do Império, reunindo tanto àqueles que estavam interessados o comércio, quanto os padres que tinham como missão evangelizar os indígenas. Assim, buscando concretizar seu trabalho missionário, os jesuítas viveram com os nativos e adotaram seus costumes, a fim de formar neles novos hábitos na intenção de tirar os costumes antigos. Entretanto, ao enfrentarem dificuldades devido à rebelião e não obediência dos colonos e nativos, os indígenas foram vistos pelos europeus como selvagens, feras que deveriam ser domadas, como se não tivessem suas crenças e costumes. Aos poucos, os padres passaram a utilizar estratégias pedagógicas opressivas, desaculturando os nativos. Estes tiveram sua cultura e valores destruídos por aqueles que consideravam sua cultura a mais correta, passando a impor novas formas de viver na sociedade.

Nas cartas jesuíticas encontramos a história do início da colonização brasileira do ponto de vista de um catequizador. Os relatos do Padre Manuel da Nóbrega nos mostraram que a pedagogia educacional jesuítica foi uma expressão moderna utilizada na fase de colonização, tendo o objetivo de incorporar o nativo à nova forma de organização social. Só podemos perceber essa tentativa de incorporação através do uso de uma educação voltada para a ética, costumes e uma nova forma de fazê-los pensar e agir na sociedade que estava em fase de construção. Por isso, ter como princípio o ensino do ler, escrever e contar, não surtiria efeito naquele período, pois a educação pedagógica buscava formar no indígena novos costumes, através da fé, da disciplina e da obediência. Dessa forma, os levaria primeiro à nova forma de organização do trabalho, para depois, ensinar outros hábitos.

Contudo, à medida que os padres tentavam alcançar seu objetivo encontravam barreiras, pois os indígenas relutavam à submissão, resistindo à aculturação e, por muitas vezes, fugindo para dentro floresta. Por isso, o uso de estratégias, tanto sacras como profanas, foi necessário diante da sociedade colonial em desenvolvimento, pois o ensino dos jesuítas estava limitado frente a um povo que desconhecia sua cultura. Assim, percebemos que a forma de educar nesse momento estava relacionada às necessidades e possibilidades da sociedade medieval, a qual estabeleceu um processo de negação do outro.

Todavia, se vista dessa maneira, a participação dos jesuítas no período colonial, foi importante, pois participaram da transformação dos hábitos indígenas, usando sua pedagogia educacional para transformar o homem “selvagem” e “improdutivo” na visão do europeu, já que os nativos não conheciam a doutrina cristã, em um homem moderno, capaz de trabalhar e trocar e ter deveres para com a família e o Estado. Somente a partir dessas considerações, podemos dizer que a educação atribuída pelos jesuítas foi condizente se vista a partir da realidade impressa naquele período.

Na leitura das cartas do Padre Manuel da Nóbrega, buscou-se informações sobre aspectos educacionais utilizados pelos padres jesuítas afim de converter o gentio. Observamos que catequese não teve resultados satisfatórios, pois desejavam consolidar a cultura cristã europeia aonde já existia a cultura indígena. Porém, nesse período, a forma de educar estava voltada para as necessidades da sociedade nascente, sendo condizente com a realidade impressa.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **A Carta de Pêro Vaz de Caminha**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados**: as primeiras expedições ao Brasil, 1500-1531. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

CÂNDIDO, Marina. **Uma outra versão da “descoberta”**. Índio Educa. 2012. Disponível em <<http://www.indioeduca.org/?p=1142>> Acesso em: 16 de out. de 2013.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2007.

FÉLIX, Carlos César. **Guerra, conversão e resistência**. A São Paulo dos primeiros jesuítas - 1554-1575. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.

GALANI, Aline Aparecida de Oliveira. **A Educação Jesuítica no Brasil**: questões históricas e pedagógicas no contexto do século XVI. 2011. 54 f. Monografia (Graduação de Pedagogia) – FANP – Faculdade do Noroeste Paranaense, Nova Esperança, 2011.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2006.

LEITE, Serafim. (SJ). Monumenta Brasiliae. Roma: IHSI, 1956-1958. 2 volumes.

LIMA, Ana Lúcia Sales de. **O contato com o desconhecido**: A obra jesuítica do P. Manuel da Nóbrega no Novo Mundo entre 1549-1559. 2007. 48 f. Monografia (Graduação de Pedagogia) – UEM - Universidade Estadual de Maringá, 2007.

Nóbrega, P. Manuel da. Carta ao P. Simão Rodrigues. Baía, 10 de abril de 1549 - Monumenta I, p. 108-115.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Simão Rodrigues, Baía, 15 de abril de 1549 - Monumenta I, p. 115-118.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Simão Rodrigues, Baia, 9 de agosto de 1549 – Monumenta I, p. 118-132.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao Dr. Martín de Azpilcueta Navarro Salvador, 10 de Agosto de 1549 – Monumenta I, p. 132-145.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Simão Rodrigues. Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550 – Monumenta I, p. 155-170.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Simão Rodrigues. Porto Seguro, 11 de agosto de 1551 – Monumenta I, p. 266-272.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta a D. João III. São Vicente, 10 outubro de 1553 – Monumenta II, p. 13-17.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Inácio de Loyola. São Vicente, 25 de março de 1555 – Monumenta II, p. 164-172.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Inácio de Loyola. São Vicente, maio de 1556 – Monumenta II, p. 275-278.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Miguel de Torres. São Vicente, maio de 1556 – Monumenta II, p. 278-285.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Miguel de Torres. Baia, agosto de 1557 – Monumenta II, p. 396-404.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Miguel de Torres. Baia, 2 de Setembro de 1557 – Monumenta II, p. 404-419.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Carta ao P. Miguel de Torres. Baia, 8 de Maio de 1558 – Monumenta II, p. 445-449.

\_\_\_\_\_, P. Manuel da. Informação das terras do Brasil [aos Padres e irmãos de Coimbra]. Baia, agosto de 1549 – Monumenta I, p. 145-154.

MAINKA, Peter Johann. O início da colonização do Brasil no contexto da expansão marítima portuguesa (1415-1549). In: TOLEDO, C. A. A.; RIBAS, M. A. A. B;

SKALINSKI Jr., O. (Orgs.). **Origens da Educação escolar no Brasil Colonial**. Maringá: EDUEM, 2012, p. 17- 88.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

NEVES, Fátima. **Educação Jesuítica no Brasil-colônia: a coerência da forma e do conteúdo**. 1993. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEM - Universidade Estadual de Maringá, 1993.

PAIVA, José Maria. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

\_\_\_\_\_. **Religiosidade e cultura brasileira: séculos XVI-XVII**. Maringá: EDUEM, 2012.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973)**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. rev. – Campinas: Autores Associados, 2010.

SUESS, Paulo. **A história dos Jesuítas no Brasil**. In Nóbrega e Anchieta - lei e língua. Piratininga: Perspectiva Teológica, 2005.

XAVIER, M. E.; RIBEIRO, M. L.; NORONHA, O. M. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.